

YANCEY, Philip. **Maravilhosa graça**. Vida, 2000. 2 ed. 310p. Resumido por JH Hack em janeiro/2003. [Livro que questiona o moralismo e legalismo vigente entre os evangélicos e nos chama para viver a graça].

Parte 1: Como é doce ouvir

1–2. “A festa de Babette” é uma parábola da graça: um presente que custa tudo para o doador e nada para o que recebeu. A graça vem sem pagamento, como oferta da casa. “Não consigo estudar com você este sério problema da culpa sem levantar o fato óbvio e trágico de que a religião pode esmagar em vez de libertar” (Tournier).

3–4. A graça é o melhor presente do cristianismo ao mundo. Nosso mundo vive a realidade de uma justiça severa e competitiva. Devemos merecer nossas regalias. Crescemos famintos de amor. O que diferencia nossa fé de outras religiões é a graça. A noção do amor incondicional de Deus vai contra nossos instintos. Jesus diz realmente: “Você quer saber como é ser Deus? Quando um desses seres humanos me dá atenção é como se eu tivesse acabado de encontrar minha propriedade mais valiosa, que eu considerava perdida para sempre”. Jesus não nos contou as parábolas para nos ensinar a viver. Creio que ele as contou para corrigir nossa noção a respeito de quem Deus é e a quem Deus ama. Pergunte às pessoas o que fazer para ir pro céu e a maioria responderá ‘ser bom’. As histórias de Jesus contradizem esta resposta. Tudo que devemos fazer é clamar ‘socorro!’. A graça não depende do que fizemos por Deus, mas antes do que Deus fez por nós. “Ele não fica simplesmente parado... Ele seguiu calmamente o longo e infinito caminho de ser Deus para se tornar homem e, desse modo, foi procurar os pecadores” (Kierkegaard). Deus é “aquele que ama” (Barth).

5. A graça tem uma estridente nota de injustiça. Recebemos a graça como um dom de Deus, e não por alguma coisa que tenhamos dado duro para ganhar. Na parábola dos trabalhadores na vinha, aprendemos que Deus concede dons e não salários. Nenhum de nós recebe pagamento de acordo com o mérito, pois não somos capazes de satisfazer as exigências de Deus para uma vida perfeita. No reino da não-graça, alguns trabalhadores merecem mais do que outros; no reino da graça a palavra ‘merecer’ nem mesmo se utiliza. A verdade mais profunda é “Jesus me ama, a Bíblia assim o diz” (Barth). Contudo, temos dificuldade em aceitá-la. Sentimos que devemos fazer alguma coisa para sermos aceitos. **Graça significa que não há nada que eu possa fazer para Deus me amar mais, e nada que eu possa fazer para Deus me amar menos.** Os que duvidam do amor de Deus devem examinar na Bíblia o tipo de pessoas que Deus ama.

Parte 2: Rompendo o ciclo da não-graça

6–7. A graça não é justa. O perdão é dolorosamente difícil e, muito tempo depois de você perdoar, a ferida continua na lembrança. O perdão é um ato nada natural. A lei da natureza não admite perdão. O mundo aqui fora é de ‘um-devora-o-outro’. Neste mundo governado pelas leis da não-graça, Jesus requer – ou melhor, exige – uma reação de perdão. O que torna o perdão tão importante para ser o ponto central de nossa fé? Simplesmente porque é assim que Deus é, cf. Mt 5.44-47. “Deus ama seus inimigos – essa é a glória do seu amor” (Bonhoeffer). Apenas a experiência de sermos perdoados torna possível perdoarmos os outros. O perdão não é uma lei de reciprocidade. Quebrar o ciclo da não-graça significa tomar a iniciativa. “O perdão de Deus é incondicional; vem de um coração que não exige nada para si mesmo, um coração que está completamente vazio de interesses próprios” (Nouwen). Em última análise, o perdão é um ato de fé. Perdoando outra pessoa, estou confiando que Deus é um juiz melhor do que eu. Perdoando, abandono meus próprios direitos de me vingar e deixo toda a questão da justiça nas mãos divinas. Embora o mal não desapareça quando perdoo, ele perde o seu poder sobre mim e é assumido por Deus, que sabe muito bem o que fazer. Naturalmente, há o risco de Deus não lidar com a pessoa como eu gostaria. O perdão não é fácil, mas os evangelhos tornam clara a conexão: Deus perdoa minhas dívidas como eu perdoo meus devedores. O inverso também é verdadeiro: apenas vivendo na correnteza da graça de Deus encontrarei forças para reagir com graça para com os outros.

8–10. Como posso perdoar se o outro não está arrependido? Além da ordem de perdoar, há três motivos pragmáticos para o perdão:

A) O perdão é a única alternativa que pode deter o ciclo da culpa e da dor, interrompendo a cadeia da ausência de graça. A palavra ‘ressentimento’ expressa o que acontece se o ciclo continua ininterrupto: a pessoa sente de novo, se apega ao passado, de modo que a ferida nunca sara. Não é nossa capacidade de pensar, mas a capacidade de nos arrependermos e perdoarmos que nos torna diferentes dos outros animais. Ao não perdoar, transfiro o controle ao inimigo e me condeno a sofrer as consequências do erro. “A primeira e geralmente única pessoa a ser curada pelo perdão é a pessoa que perdoa” (Smedes).

B) O perdão pode aliviar a força opressora da culpa no perpetrador. A culpa faz sua obra corrosiva mesmo quando conscientemente é reprimida. “Quando você perdoa alguém, você separa essa pessoa do ato ruim... você não pensa nela como a pessoa que o feriu, mas sim, como a pessoa que precisa de você; antes, poderosa no mal, agora fraca em suas necessidades” (Smedes). O poder da graça é diferente do da justiça: é transformador, sobrenatural.

C) O perdão coloca o perdoador do mesmo lado de quem cometeu o erro. Percebemos que não somos tão diferentes do culpado como gostaríamos de pensar. Deus se colocou do nosso lado ao encarnar e experimentar o que é ser tentado pelo pecado. Ele fez a ponte sobre o abismo e, por isso, Jesus nos compreende e pode nos defender diante do Pai. A lei da vingança nunca estabelece o final do jogo. Sem perdão não podemos nos libertar das garras do passado. Paul Tillich definiu o perdão como lembrar o passado para que ele possa ser esquecido. O perdão vai contra a natureza humana, e deve ser ensinado e praticado, como se pratica qualquer arte difícil.

Parte 3: Cheiro de escândalo

11–12. A mensagem cristã é “todos somos bastardos, mas Deus nos ama mesmo assim” (Campbell). A essência das leis do AT sobre impureza se expressa assim: esquisitice, não. Todo animal ou pessoa ‘anormal’ era impura. Jesus veio dismantelar esta hierarquia de aproximação a Deus, ensinando que os indesejáveis por todos são infinitamente desejáveis para Deus. Como Jesus, podemos passear no mundo impuro como agentes da santidade de Deus: doentes e aleijados deixam de ser contaminadores para serem receptores em potencial da misericórdia divina. Somos esquisitos, mas Deus nos ama mesmo assim. Todos temos acesso ao Senhor como Abba. Também nos leva a rever como olhamos para as pessoas ‘diferentes’. “Eu só realmente amo a Deus na proporção em que amo a pessoa que menos amo” (Day).

13–14. Mesmo não concordando com o pecado, precisamos amar os pecadores. Devemos aceitar a pessoa, mesmo sem aprovar seu comportamento. Precisamos de olhos curados pela graça para ver o potencial nos outros. “Amar uma pessoa significa vê-la como Deus pretendia que ela fosse” (Dostoievski). A graça tem um potencial para abuso, que brota de uma confusão entre tolerância e perdão. “Tolerar um erro é simplesmente ignorá-lo. O perdão precisa ser aceito. Quem não admite culpa não pode aceitar o perdão” (Lewis). “Deus dá onde ele encontra mãos vazias” (Agostinho); é preciso humildade e arrependimento para receber a graça. “Verdadeiramente é um erro estar cheio de faltas, mas é um erro ainda maior estar cheio delas e não desejar reconhecê-las” (Pascal).

As pessoas se dividem em culpados que reconhecem seus erros e os que não os reconhecem (Jo 8). Uma falha só pode ser radicalmente curada se for trazida à luz. “São os santos que tem o senso do pecado. O senso do pecado é a medida da consciência que uma alma tem de Deus” (Daniélou). É possível transformar “em dissolução a graça de Deus” (Jd 4). “Cristo nos aceita como somos, mas quando ele nos aceita não podemos permanecer como somos” (Trobish). Em Rm 6 e 7, Paulo ataca este conceito de ‘graça barata’: a) devemos nos considerar mortos para o pecado (6.1-14); b) o pecado nos escravizava (6.15-23); c) reagimos à graça com amor (7.1-6). “Se você apenas amar a Deus, poderá fazer tudo o que desejar” (Agostinho).

15. O legalismo gera:

A) O sentimento de que obedecer a um código externo de comportamento é a maneira de agradar a Deus, de fazer Deus me amar. Nada representa uma ameaça maior para a graça. Você pode conhecer a lei de cor sem conhecer a sua essência. Jesus condenou a ênfase legalista dada às aparências (Lc 11.39). Todos os sistemas religiosos têm a inclinação de promover regras exteriores, ou moralismo. “A prova da maturidade espiritual não é quanto você está ‘puro’, mas sim a conscientização da sua impureza” (Tolstoi).

B) O extremismo (Lc 11.46). Jesus se importava porque os fariseus impunham o extremismo aos outros e focalizavam as trivialidades. O legalismo é um perigo sutil porque ninguém se considera legalista. Minhas próprias regras parecem necessárias; as regras de outras pessoas parecem excessivamente severas. A hipocrisia disfarça nossa necessidade de receber a graça.

C) Orgulho e competição (Mt 23.5-7). Jesus condenou a espiritualidade dos fariseus que classificava os pecados em aceitáveis e inaceitáveis. Jesus nos direciona ao Deus perfeito, diante do qual todos somos pecadores (Is 64.6). O arrependimento, não santidade ou comportamento adequado, é a porta de entrada da graça. O oposto do pecado é graça, e não virtude.

D) Encoraja a transgressão (Rm 7.7-8) e martiriza os que tentam seguir todas as regras. A lei simplesmente indicava a enfermidade. A graça realizou a cura.

E) Facilita a apostasia. À primeira vista, o legalismo parece duro, mas a liberdade em Cristo é o caminho mais difícil. É fácil deixar de matar, mas é difícil amar; é fácil evitar a cama do vizinho, mas é difícil manter um casamento vivo. A solução pro pecado é deixar de impor um código restrito de comportamento; é conhecer a Deus.

Parte 4: Sons da graça para um mundo surdo

16–18. Se a graça é tão maravilhosa, por que os cristãos não a demonstram mais? Os cristãos são cada vez mais moralistas rígidos que querem controlar a vida dos outros. “Tenha cuidado para que, ao lutar contra o dragão, você não se transforme em um dragão” (Nietzsche). Como podemos dispensar graça em uma sociedade que parece se desviar de Deus?

A) Dispensar a graça de Deus é a principal contribuição cristã. Jesus declarou que deveríamos ter um sinal diferencial: não a correção política ou superioridade moral, mas o amor. “Cada palavra que dizemos e cada ato nosso devem refletir a graça de Deus” (Reed). O amor sacrificial é uma das mais poderosas armas no arsenal cristão da graça.

B) Compromisso com a graça não significa harmonia com o governo. Os cristãos ‘cheios de graça’ precisam ser sábios nas questões que escolhem apoiar ou combater.

C) “A intimidade entre igreja e Estado é boa para o Estado e ruim para a Igreja” (Chesterton). A sociedade precisa de religião, e pouco importa que tipo de religião. Entretanto, quanto mais íntima a igreja fica do governo, mais diluída fica a sua mensagem. O Estado tende a impor uma forma de moralidade externa, precisamente o oposto do evangelho da graça. Um governo não pode exigir a adoração ou ensinar o amor.

19–20. Na China, a hostilidade do governo finalmente operou para a vantagem da igreja. Excluídos das estruturas do poder, os cristãos chineses se concentraram em transformar vidas, não leis. As figuras apresentadas por Jesus mostram o Reino como um movimento que opera dentro da sociedade, mudando-a de dentro para fora. Com demasiada frequência, a igreja levanta um espelho refletindo a sociedade que a cerca, em vez de uma janela revelando um caminho diferente. “De cem homens, um lerá a Bíblia, 99 lerão o cristão” (Moody).

Jesus reduziu a marca de um cristão a uma única palavra: o amor. “O poder sem amor é imprudente e abusivo” (King Jr). O cristão serve aos fracos não porque mereçam, mas porque Deus estendeu seu amor a nós primeiro. A vida cristã envolve uma nova maneira de ver. Quando vejo a mim mesmo como um pecador que não pode agradar a Deus por nenhum método de autodesenvolvimento, então posso voltar para Deus para buscar ajuda de fora: a graça. Assim, passo a reconhecer

que meus semelhantes também são pecadores amados por Deus. É nosso destino na terra sermos imperfeitos. Só aceitando isso, podemos crescer aproximando-nos de Deus. Deus está mais perto dos pecadores do que dos ‘santos’. A igreja deve ser um porto para as pessoas que se sentem horríveis (estas são humildes). O que de melhor pode a igreja oferecer além da graça?. A graça nos ensina que Deus nos ama pelo que ele é, não pelo que somos. Se pudéssemos tão somente recuperar a prática do princípio ‘odeie o pecado, mas ame o pecador’, seríamos melhores despenseiros da graça de Deus.